



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-10 – Informação e Memória

ALGUMAS EXPLANAÇÕES INICIAIS SOBRE MEMÓRIA E INFORMAÇÃO NA UMBANDA A PARTIR DO REGIME DE INFORMAÇÃO

SOME INITIAL EXPLANATIONS ABOUT MEMORY AND INFORMATION IN UMBANDA BASED ON THE INFORMATION REGIME

Daviane da Silva Ribeiro - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF Fluminense)

Rodrigo Piquet Saboia de Mello – Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa pondera sobre a reprodução social do racismo no campo religioso, questionando a Umbanda como meio de invisibilização da cultura afro-brasileira. Ambiciona um levantamento das fontes de informação umbandistas em variados suportes, *in loco* e em ambiente *Web*, em três Tendões Espíritas de Umbanda no Estado do Rio de Janeiro, a fim de descrever o fluxo informacional e possíveis estratégias de resistência utilizadas antes e após o advento da *Web* para alcançarem visibilidade nos regimes de informação.

Palavras-Chave: memória; Umbanda; regime de informação.

Abstract: This research ponders on the social reproduction of racism in the religious field, questioning Umbanda as a means of invisibilization of Afro-Brazilian culture. It aims at a survey of Umbanda information sources in various media, *in loco* and on the *Web*, in three Umbanda Spiritist Tent in the State of Rio de Janeiro, in order to describe the informational flow and possible resistance strategies used before and after the advent of the *Web* to achieve visibility in the information regimes.

Keywords: memory; Umbanda; information regime.

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar as relações entre informação e poder no contexto brasileiro, imbricado por uma hierarquia social camuflada pelo mito da democracia racial (HASENBALG, 2005; DAMATTA, 1986), e ao evidenciar o entrelaçamento da dimensão cultural afro-brasileira, especificamente, a Umbanda, enquanto expressão religiosa, mediante o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na era da sociedade da informação, pressupõe-

se um campo de disputas nas dinâmicas intersubjetivas no regime global de informação (PIMENTA, 2019).

A Umbanda, religião que reúne elementos do cristianismo, pajeísmo, kardecismo e africanismo (IPHAN, 2009), teve como berço o Estado do Rio de Janeiro, declarada inclusive, como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial¹. A fundação do primeiro terreiro data de 1908², no ajustamento desses elementos, na tentativa de valorização e representatividade dos elementos nacionais (PRANDI, 1990). Entretanto, na atualidade, percebe-se poucos estudos relacionados a emergência informacional dos adeptos da Umbanda e sua dispersão documental³.

Na perspectiva dos sistemas simbólicos como arte, língua e religião, como instrumentos de conhecimento e comunicação que regem as relações de comunicação e poder (BOURDIEU, 2000), é viável colocar em questão a Umbanda como meio de invisibilização da cultura afro-brasileira no âmbito de um regime de informação, enquanto modo dominante (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012) e eurocêntrico, dado que ocupa uma posição de inferioridade no sistema de práticas e crenças, sendo classificada como magia ou feitiçaria (BOURDIEU, 2007). De modo que este regime delimitaria sua produção e disseminação, contribuindo para a consequente marginalização dessa religiosidade no âmbito nacional, uma vez que ocupa uma colocação coadjuvante na memória coletiva, responsável por propiciar a manutenção e evocações de lembranças interessantes ao grupo (HALBWACHS, 1990).

Ações de intervenção e controle social atingiram a Umbanda, assim como o Candomblé, com perseguições e sanções praticadas pelo Estado, incitado pela Igreja Católica, antes e durante a ditadura Vargas, e embora seja uma religião que prega a caridade, cultuando santos protetores (BIRMAN, 1985), vem sendo classificada como baixo espiritismo (PRANDI, 1990).

¹ A Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por meio do Decreto nº 42557 de 07 de novembro de 2016, declara Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial a Umbanda e cria o cadastro dos terreiros de Umbanda.

² De acordo com o IPHAN (2009), Zélio Fernandino de Moraes formou sete tendas que difundiram a Umbanda.

³ Gregório Brandão, pai de santo e ex-presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil, narra a existência de acervos históricos dispersos sobre a Umbanda no Rio de Janeiro, porém com restrição de acesso por parte de seus curadores e possível falta de interesse sobre a temática por pesquisadores (Informação verbal obtida no Centro de Umbanda Caminhos de Aruanda localizado no bairro de Vila Kosmos na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em 25 de julho de 2020).

Ainda hoje, violências físicas e simbólicas contra o umbandismo continuam a ocorrer, associadas ao aumento progressivo de adeptos das religiões de matrizes protestantes⁴.

Compreendendo que “um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 43), suspeita-se que o sincretismo religioso operado na Umbanda não elimina a estratégia, no sentido de Michel de Certeau (1998), enquanto resistência de valores dessa religião, mesmo amoldada pela religião católica, em que se conceberia a ocorrência simultânea de certa conformação da cultura africana pela hegemônica e também por uma deformação desta cultura, uma vez que:

Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua “razão”. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida. (CERTEAU, 1998, p. 78-79).

Por esse ângulo, a religiosidade umbandista, assim como seus adeptos, resiste, mas encontram dificuldades para adentrar nos processos legítimos de registro e difusão da informação, dada sua não completa conformação ao modelo hegemônico de religiosidade. Encontram outros meios para sua subsistência, contudo, “não se trata de algum tipo de vivência paralela, mas de inserção em relações e práticas onde também se operam apropriação e uso alternativos aos esperados de informações, documentos, objetos e relações.” (FERNANDES, 2012, p. 17). Em vista disso, levanta-se a hipótese da ocorrência de conformações das fontes de informação umbandistas e de deformações da cultura hegemônica (diga-se eurocêntrica), que possibilitariam a visibilidade daquelas nos regimes de informação.

No que tange as relações étnico-raciais, a presente pesquisa preocupa-se com a preservação, mas, principalmente, com o fluxo informacional desses artefatos materiais e simbólicos, enquanto fontes de informação, ou seja, registros documentais da cultura

⁴ De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2012), os evangélicos representavam no ano 2000, 15,4% da população e em 2010 chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões).

afrocêntrica, sejam em suporte físico ou digital, que se referem a aspectos da população negra, com a finalidade de apoiar sua identificação e reconhecimento (SANTOS; AQUINO, 2016).

Na atualidade, as formas de apropriação, uso e difusão da informação, contraem uma nova proeminência com o aporte digital da Internet. Deste modo, indaga-se se e como os registros simbólicos umbandistas, deformam e alteram critérios de visibilidade da Umbanda no regime global de informação, um cenário sem fronteiras, demarcado pela vigilância instituída pelas tecnologias e mídias sociais (PIMENTA, 2019), espaço propício para que subalternos falem e sejam ouvidos, pois “jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los: enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados?’).” (CERTEAU, 1998, p. 41).

Posto isto, o objetivo geral desta reflexão inicial é descrever o fluxo informacional e os elementos de resistência que propiciariam a visibilidade das fontes de informação umbandistas no regime global de informação.

A consecução deste objetivo apontaria para novas sendas ao fomento de resistência frente a ataques a este movimento religioso de importância para a sociedade brasileira, como também de inserção em novos meios de discussão, como o acadêmico aqui exposto e seus desdobramentos documentários.

As proposições abordadas trouxeram a motivação para entender os caminhos percorridos pelas fontes de informação umbandistas, a fim de colaborar para sua disseminação, contribuindo para que essa religiosidade e toda a cultura inerente alcance à visibilidade necessária a legitimação cultural e religiosa. Além disso, acredita-se no estímulo de pesquisas sobre a temática na área de Ciência da Informação, o que propiciaria a visão do campo diante da Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024, proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2013.

2 UM LIGEIRO PANORAMA SOBRE A SITUAÇÃO DA UMBANDA E ALGUMAS ENTIDADES NA LITERATURA ESPECIALIZADA

Chamada por muitos de curimba, macumba, feitiçaria, a Umbanda tem se reafirmado de modo determinante como uma religiosidade de magnitude no mosaico de religiões que vem marcando posições nas últimas décadas. Desde o início, cabe frisar que a Umbanda é a primeira religião propriamente criada em território brasileiro, bebendo de certo modo na influência do

Espiritismo que reluz com força a partir do século XIX e início de próximo século, como bem explanado por João do Rio (1976).

Mas o que seria a Umbanda propriamente dita? Fora as entidades, rituais e terreiros espalhados por boa parte do território brasileiro, existe na literatura especializada uma tentativa de definições e problematizações deste importante fenômeno religioso (e por que não?) político no seio da sociedade brasileira. Destaca-se, um desses conceitos de uma obra seminal da área:

Devemos começar por explicar a origem da palavra Umbanda. Trata-se de um nome de origem africana que designa o sacerdote do culto que os pretos bantos prestavam à divindade. Entre nós, no Brasil, o significado generalizou-se ao máximo, pois que essa palavra passou a designar o conjunto dos rituais umbandistas. Eis aí o significado da palavra Umbanda. (FELIX, [2000?], p. 7).

A partir desta breve explanação, o autor consegue de modo sintético efetuar uma conceituação do que seria a Umbanda. Fora o aspecto sincrético da religião, característica de uma sociedade plural como a brasileira, outros fortes elementos fulguram da constituição da religião em tela: a influência africana, os aspectos das culturas indígenas em nossa sociedade e as figuras marginalizadas que montam o mosaico do nosso cotidiano como o malandro carioca e a dama da noite, respectivamente representados por Zé Pilintra (VAZ, 2018) e Pombagira (PRAIA, 2015). Desta maneira:

A Umbanda surge como a saída das crenças africanas do estado de marginalidade a que ficaram restritas durante o tempo do cativo, isto é, a assimilação dos cultos negros pela sociedade global brasileira. O aumento dos quadros de fiéis, bem como a boa aceitação da população aos rituais públicos (principalmente os que são realizados, nas praias, pela passagem do ano), permitiram uma elevação do grau de prestígio social dos cultos africanos no Brasil. (BENTO, 1979, p. 54).

Complementa-se o enunciado, ao sublinhar, que um dos maiores eventos de comemoração à virada do ano no mundo é o Réveillon na Praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Esta festividade, originalmente despontou pela homenagem a Iemanjá, “[...] quando milhões de pessoas se reúnem para lançar flores brancas ao mar, momento em que formulam pedidos e desejos que, tradicionalmente, serão atendidos pela santa se o mar não devolver as oferendas.” (ARAÚJO, 1993, p. 82).

Retornando as duas entidades apresentadas anteriormente, Zé Pilintra e Pombagira, é importante frisar que a Umbanda se apresenta como uma religião muito próxima dos indivíduos que compõem a massa de trabalhadores brasileira. Sendo assim, há uma natural proximidade de experiência do dia a dia e seus dissabores, infortúnios, assim como, a sorte e alguma eventual

bem-aventurança. Ainda sobre Seu Zé, como conhecido para os mais íntimos que praticam a religião:

Cultura, encruzilhadas, adaptações, dinamismo, ressignificação, sobrevivência, tradição, invenção, renovação. Tem tudo isso na história do mestre juremeiro transfigurado em Rei dos Malandros. Seu Zé Pilintra é o homem em trânsito permanente, amigo do povo do Brasil, disso fazendo a sua fabulosa odisseia de cura, amor, folia, paixão e redenção arrebatada na rua. (SIMAS, 2020, p. 20).

Salienta-se o perfil polissêmico e importante que Zé Pilintra adquire para o povo que o admira e pratica a Umbanda como uma religião que possa aproximar as paixões pelo carnaval, a malandragem nos bares do Rio de Janeiro e a força vibrante das ruas. Esta proximidade do popular com a Umbanda a faz uma religião arrebatadora, apesar das complexidades do tecido social brasileiro e a disputa entre religiões, como os ataques de neopentecostais e a repressão de regiões dominadas pelo tráfico de drogas às religiões de origem afrodescendentes, como também o Candomblé.

Outro orixá de grande representatividade na tradição umbandista é a Pombagira, que representa o Exu feminino. Ou seja, esta entidade representa uma importante mensageira das forças ocultas que permeiam o universo dos padês, patuás, de ritualizações do encontro entre os homens e o sagrado. Problematizando esta figura controversa: “Exu é o mais humano dos deuses, nem completamente bom, nem completamente mal.” (CAPONE, 2004, p. 53).

Em outros termos, os orixás ou divindades existentes não são seres naturalmente límpidos, despidos de quaisquer pecados que permeiam a vida humana. Ao contrário, são seres com seus vícios, afetos e, principalmente, com a grandeza de retornar ao mundo terreno para trabalhar em prol dos necessitados no fazer a caridade. Ainda sobre Pombagira: “Estudar os cultos de Pombagira permite-nos entender algo das aspirações e frustrações de largas parcelas da população que estão muito distantes de um código de ética e moralidade embasado em valores da tradição ocidental cristã.” (PRANDI, 2010, p. 146-147).

Outro ponto em comum, que poderá ser mais bem detalhado em futuras reflexões, que diferente da crença de cunho católico, Exu não é o diabo (CUMINO, 2018), como popularmente é reconhecido. Assim dizendo, o bem e o mal são relativizados a partir da lógica umbandista e dos poderes que os orixás encarnam quando emanados pelos seres humanos. Neste mesmo sentido:

Isso tudo é para que compreenda que Exu não é o diabo. Quando muito, seria o anjo decaído como todos nós. Outra coisa importante para que se

compreenda por que Exu escuta tudo. O conceito de bem e de mal e os princípios da moral e das boas ações foram introduzidos na humanidade pela cultura judaica e aperfeiçoados pelo cristianismo e pelo islamismo, que hoje em dia abrangem cerca de dois bilhões de seguidores. E já existem há mais de dois mil anos, sinal de que deram certo. (ARAÚJO, 1993, p. 36).

Talvez por certo preconceito, somado a parca literatura mais aprofundada na área, para além de alguns *best sellers*, romances de natureza espírita umbandista (PINHEIRO, 2006; SARACENI, 1998) e não se esquecendo do fenômeno comunicacional e midiático Chico Xavier (CARVALHO; REZENDE, 2013), poucos pesquisadores até o presente momento se depararam sobre o fenômeno religioso umbandista, ainda mais no campo da Ciência da Informação. Portanto, trabalhos como este podem abrir novas veredas de pesquisas em andamento sobre aspectos pouco, ou quase nada, refletidos em nosso meio acadêmico.

3 UMBANDA: DILEMAS ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Este trabalho procura delinear um panorama que revele visões alternativas, oferecendo um arcabouço teórico abrangente, tencionando respostas aos dilemas ocasionados pelo entrelaçamento da cultura afro-brasileira, especificamente produzida pelo umbandismo, nos regimes de informação demarcados pela mediação tecnológica.

Ao vislumbrar a memória como um conceito nuclear que se aproxima de temáticas que envolvem a linguagem e a subjetividade (DODEBEI; ORRICO, 2012), pode-se conceber a interligação entre informação e cultura, dado que, está permite a construção da informação, como artefato ou processo que permeia os modos de ser, representar e estar no meio social (MARTELETO, 1995).

Nesse sentido, circundam na Umbanda, informações que podem ser situadas por Buckland (1991), como tangíveis (informações como coisas) e intangíveis (conhecimentos e informações como conhecimentos), pois alguns artefatos desta religiosidade, nem sempre são registrados, como a cultura oral transmitida pelos pais de santo e pelos Ogãs⁵, além de oferendas, ervas, vestimentas, imagens e diversos outros artefatos que demarcam o cotidiano dessa prática religiosa, todas transmitindo um significado, algo a comunicar. Sendo assim, preocupa-se tanto com a informação como objeto ou coisa quanto como signo – dependente

⁵ De acordo com o IPHAN (2009), do Yorùbá Ògá é a pessoa que se distingue em qualquer esfera, chefe, oficial, superior, cabeça, mestre. Popularmente, esse cargo é oferecido àqueles considerados capacitados para desempenhar tarefas específicas nos terreiros de Umbanda, como canto e toque de atabaque, rituais com animais, entre outras atividades litúrgicas.

de uma visão interpretativa determinada pelo contexto social e cultural dos indivíduos (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Ainda sobre o registro em suportes de informação estáveis:

Porém o problema da educação, do saber escrito, não se coloca unicamente dentro de uma perspectiva quantitativa; ele é também um problema qualitativo, e corresponde, nas religiões afro-brasileiras, à passagem de uma cultura oral a uma cultura escrita. Comparando-se Umbanda e cultos afro-brasileiros, novas oposição [sic] podem ser apreendidas. O mundo dos candomblés é um universo de mitos, gestos e ritos que se transmitem através da vivência, de geração em geração. A introdução da linguagem escrita torna-se assim incompatível com seus princípios religiosos, pois o universo afro-brasileiro se fundamenta sobre o reforço e a transmissão do *axé*. (ORTIZ, 1991, p. 177).

No cenário global, enxerga-se a produção e disseminação da memória umbandista, numa negociação entre as ferramentas digitais e os artefatos materiais e simbólicos produzidos pelos artífices dessa religiosidade, valorizando a possibilidade de uma representação autonarrativa, utilizando discursos próprios, sem a intermediação de uma voz hegemônica (SPIVAK, 2014), uma vez que, Silva (2018a), Costa e Miranda (2019) e Silva (2018b) apontam para a carência de instrumentos que atendam as especificidades das representações bibliográficas sobre Umbanda, pois os existentes não refletem sua realidade, problemática visualizada por Silva (2002, p. 106) ao relatar que o universo religioso afro-brasileiro “não é instituído nominalmente como uma linha específica podendo ser enquadrado em *grupos e rituais religiosos*”.

Seguindo por esse viés, a *Web*, espaço de interação dialógica, propiciaria tais representações, pois, como explicou Fanon (2008, p. 114), “O atabaque baratina a mensagem cósmica! Só o preto é capaz de transmiti-la, de decifrar seu sentido, seu alcance”. E é justamente por meio das redes de interações virtuais, servindo de canais democráticos para os fluxos informacionais de diferentes agentes, por onde a propagação das informações umbandistas podem ressignificar a imaterialidade inerente à religião, as “mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas” (CERTEAU, 1998, p. 79, grifo do autor), pois, ao se produzir uma materialidade digital extraída desta visão de mundo, mas negociada com outras comunidades discursivas hegemônicas, possibilitariam sua conformação e possível deformação do regime global de informação, uma vez que o consumo e a disseminação dessas informações contribuem para a emissão de valores no fluxo informacional.

Seguindo por essa perspectiva, a Desclassificação, ferramenta da Epistemografia, que consiste numa nova ordenação, por um pluralismo lógico que escapa de hierarquias e subordinações para agregar e reunir introduzindo a contradição como instrumento de explicação do mundo (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2009, 2011), uma vez que, o “que se apresenta no ser como *oposição*, torna-se uma *contradição* na expressão da linguagem, e é somente neste jogo de posição e superação (*Aufhebung*), de afirmação e contradição, que se torna possível reproduzir na linguagem a verdadeira lei e a estrutura interna do existente” (CASSIRER, 2001, p. 84, grifo do autor), pode fornecer meios de investigação das prováveis conformações e deformações ocasionadas pelas estratégias das comunidades umbandistas. Tal perspectiva contribui para refletir táticas de resistência dos saberes umbandistas que respeitem inclusive, o direito à incomunicabilidade e à invisibilidade e por isso, pondere a existência de memórias silenciosamente relevantes, que o são por estratégias de sobrevivência⁶, casos nos quais García Gutiérrez (2009) recomenda a distinção entre um silêncio voluntário e um silenciamento arbitrário, a fim de meditar sobre o melhor método a ser adotado.

Além disso, é necessário avaliar a importância da oralidade presente no cotidiano dos saberes umbandistas dado a realidade educacional brasileira⁷, pois, “nem sempre é conveniente registrar todas as memórias, quanto mais a partir de uma mesma lógica de ordenação.” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2009, p. 87, tradução nossa).

Conhecer o fluxo informacional, potencializar o acesso e conseqüente visibilidade da memória umbandista, é emergir o simbólico que há na Ciência da Informação e, simultaneamente, sua responsabilidade social enquanto instrumento democrático do saber. Quanto à responsabilidade social na Ciência da Informação: “Assim, cresce a responsabilidade dos cientistas da informação, enquanto produtores de conhecimento científico, cabendo-lhes buscar nessa inter-disciplinaridade sua estratégia de atuação como atores sociais.” (FREIRE; ARAUJO, 1999, p. 11).

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

⁶ Gregório Brandão relata sobre o resguardo de informações ocasionado por lutas simbólicas travadas por Terreiros de Umbanda que seguem diferentes linhas de trabalho espiritual (Informação verbal obtida no Centro de Umbanda Caminhos de Aruanda em 25 de julho de 2020).

⁷ De acordo com o IBGE (2011), 14,4% de pretos e 13,0% de pardos entre os declarantes de 15 anos ou mais – grupos que configuram a maior parte da população brasileira, são analfabetos em comparação aos 5,9% de declarados brancos.

Este trabalho, com investigação em andamento, optou pela abordagem qualitativa, que por sua vez, percorre três estágios: “fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e documental.” (MINAYO, 2002, p. 26).

Na primeira fase, de caráter exploratório, elegeu-se a pesquisa bibliográfica, pretendendo relacionar uma revisão histórica ao estado da arte, buscando recuperar dados sobre o desenvolvimento da Umbanda e os fatores determinantes que culminaram no seu estado de visibilidade, a fim de levantar a hipótese sobre o pretense desinteresse pelo tema na área de Ciência da Informação. Tenciona-se para a segunda etapa, uma pesquisa documental em ambiente *Web* e *in loco* em três Tendas Espíritas Umbandistas no Estado do Rio de Janeiro: Nossa Senhora da Piedade, São Jorge e São Jerônimo, compreendendo as fontes de informação que constituem a memória umbandista em vários suportes, cobrindo três períodos: primeiros anos das fundações destas tendas, desenvolvimento religioso antes e após o advento da *Web* na década de 1990 (CASTELLS, 2003).

Ao ponderar sobre as especificidades dos artefatos materiais e simbólicos umbandistas, definiu-se a Epistemografia para análise e tratamento do material empírico e documental, pois:

Uma epistemografia é simultaneamente a representação ou mapa conceitual de um único documento, seja elaborado a partir de categorias autonarrativas ou heteronarrativas (sempre que a heteronarração seja descolonizante), como a construção de todo um sistema em que as estruturas e os conteúdos de seus documentos estejam ligados entre si e articulados a outros sistemas de representação que lhes daria visibilidade global através de uma língua franca digital (outra ferramenta epistemográfica). Finalmente, a epistemografia seria também o conjunto de observações, descrições, reflexões e conclusões derivados de tais práticas, sistemas e ferramentas que promovem não só autonarrações, mas dependendo dos vetores de transformação, autonarrativas orais, ou seja, um enunciado descolonizado e aberto à troca e a mestiçagem em condições de igualdade. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011, p. 291, tradução nossa).

Diante das hipóteses levantadas e dos pressupostos teóricos, acredita-se, portanto, na conjugação da Epistemografia à Análise Transgramatical na contribuição das reflexões e análises do material empírico e documental, uma vez que:

envolveria em duas ações complementares: *meta* e *ec*- tomadas por um eixo comum: a abordagem simbólica: a) *meta*: perceber como um saber (uma ciência, um sindicato, uma comunidade qualquer que produz discursos) existe a partir das formas de organização que ela se propõe, ou seja, a ideia de comunidade como aquilo que a documenta e é por ela construído como documentado; b) *ec*: perceber como um corpo de discursos existe antes do documentado – a “Documentação sem documento” de Otlet (1934) –,

investigar os silêncios que podem chegar ao documentado e seu processo de “movimentar-se para fora,” para o exterior que é o mímema. No conjunto desta verificação, pontuar as “transposições” de caráter simbólico, as “estações de sentido” que produziram a ideia de “organização” dessa comunidade e a ideia de que os “documentos” simbolizam seus indivíduos. (SALDANHA, 2013, [p. 27], grifo do autor).

Espera-se com o viés descritivo das Transgramáticas, conforme Saldanha (2012, p. 398), que a “verificação de semelhanças de família que permitem apresentar as relações aproximadas de significado dos termos e das ações”, permita ampliar a identificação e descrição de elementos de resistências e deformações, como possíveis critérios de interferência na visibilidade das fontes de informação umbandistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, e por se tratar de uma pesquisa em andamento, almeja-se obter através da proposta de levantamento das fontes de informação umbandistas, um panorama sobre a fundação dessa religiosidade e os aportes dessa memória que constituem parte da memória coletiva brasileira, na tentativa de compreender o fluxo informacional desses artefatos umbandistas e os possíveis elementos de resistência, suas conformações e as deformações que provavelmente admitem sua introdução e manutenção no regime global de informação, propiciando a visibilidade da Umbanda.

Ambiciona-se levantar possibilidades teóricas que possam cooperar na dissipação de preconceitos, contribuindo para a desclassificação e valorização da informação umbandista na sociedade brasileira e, assim, estimular o interesse de pesquisas na área de Ciência da Informação para as problemáticas informacionais de grupos não-hegemônicos.

Tais procedimentos são passíveis de ocasionarem reflexões que culminem em representações autonarrativas, emergindo da realidade sociopolítica, às bases socioculturais capazes de ofertar visibilidade e quiçá prestígio as fontes de informação umbandistas, processos necessários à sua legitimação no imaginário coletivo brasileiro.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Mirian de Albuquerque; SANTOS, Thais Helen do Nascimento. Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação com a temática étnico-racial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 29-55, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/%20informacao/article/viewFile/17492/18987>.

Acesso em: 13 jun. 2021.

ARAÚJO, Carlos. **ABC dos orixás**. São Paulo: Círculo do Livro, 1993.

BIRMAN, Patricia. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991. Disponível em: <https://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Pallas, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARVALHO, Aline Torres Sousa; REZENDE, Guilherme Jorge de. A espetacularização da figura de Chico Xavier e a doutrina Espírita na narrativa midiática 'Chico Xavier'. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 105-134, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/dym7NRR8zHwsqmP5Vrq6kGN/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Binger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas; Primeira parte: A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Deniz; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. A organização do conhecimento sobre umbanda e sua representação bibliográfica: uma análise exploratória a partir de registros bibliográficos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 154-182, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38731>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CUMINO, Alexandre. **Exu não é o diabo**. São Paulo: Madras, 2018.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Informação e memória: um modelo conceitual possível. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Fiocruz; Fiotec, 2012. Não paginado. Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2107/1/NFORMA%c3%87%c3%83O%20E%20MEM%c3%93RIA.pdf?sequence=1>

Acesso em: 13 jun. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELIX, Candido Emanuel. **A cartilha da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, [2000?].

FERNANDES, Geni Chaves. Informação, documento e o resto na construção da realidade social. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-26, jul./dez. 2012. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/53582>. Acesso em: 13 jun. 2021.

FREIRE, Isa Maria; ARAUJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. A responsabilidade social da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 1999.

Disponível em:

<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1554>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. **Epistemología de la Documentación**. Barcelona: Stonberg Editorial, 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Localizar la memoria. **I/C - Revista Científica de Información y Comunicación**. Sevilla, n. 6, p. 85-111, 2009. Disponível em:

<http://icjournal-ojs.org/index.php/IC-Journal/article/view/190/187>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito.

Informação e Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/14376/8576>. Acesso em: 13 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/censo-demografico-2010-caracteristicas-da-populac-o-e-dos-domicilios-resultados-do-universo.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.

Acesso em: 13 jun. 2021.

IPHAN. **Inventário dos terreiros do Distrito Federal e Entorno** – 1ª Fase. BESSONI, Giorge; RAMASSOTE, Rodrigo (coords.). Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2009. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventario_dos_terreiros_do_df_e_entorno.pdf.

f. Acesso em: 13 jun. 2021.

JOÃO, do Rio. **As religiões do Rio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

LIMA, Dilson Bento de Faria Ferreira. **Malungo decodificação da Umbanda**: contribuição à História das Religiões. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-30.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Editora brasiliense, 1991.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Cultura da visibilidade informacional: Estética e política da técnica no regime global de informação. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALDANHA, Gustavo Silva (orgs.). **iKRITIKA**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 117-170. Disponível em:

[https://www.garamond.com.br/wp-](https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields)

[content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields](https://www.garamond.com.br/wp-content/uploads/2020/06/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?thwepof_product_fields). Acesso em: 13 jun. 2021.

PINHEIRO, Robson. **Tambores de angola**. Contagem: Casa dos Espíritos, 2006.

PRAIA, Alzira da Cigana. **Maria Padilha**: rainha de todas as giras. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2015.

PRANDI, Reginaldo. Coração de Pombagira. **Esboços**: revista do programa de pós-graduação em história da UFSC, Florianópolis, v. 17, n. 23, p. 141-149, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n23p141>.

Acesso em: 13 jun. 2021.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1990. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84787/87501>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SALDANHA, Gustavo Silva. Transgramáticas: filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 1-30, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/32634>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação**: organização dos saberes, linguagem e *transgramáticas*. 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/667>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SARACENI, Rubens. **O guardião da meia-noite**. São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 1998.

SILVA, Denizard Costa da. **A organização do conhecimento sobre Umbanda e sua representação bibliográfica**: uma análise exploratória a partir de registros bibliográficos. 2018. 229 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018a. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/arquivos/2018.1/Denizard%20Costa%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SILVA, Marcio Ferreira da. **A questão da representação das religiões de matriz africana na CDD**: uma análise crítica da umbanda. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018b. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154433>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões afro-brasileiras: construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900-1960). **Revista USP**, São Paulo, n. 55, p. 82-111, set./nov. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35147/37870>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

VAZ, Mizael. **Zé Pelintra**: Sêo Dotô, Sêo Dotô! Bravo Sinhô! São Paulo: Madras, 2018.